

**Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala**

---

Émile Benveniste: a semantics of the man who speaks

**Marlene TEIXEIRA\***

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)/BRASIL.

**Rosângela Markmann MESSA\***

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)/BRASIL.

**RESUMO**

Este artigo propõe-se a mostrar que a semântica da enunciação de Émile Benveniste é formulada sob as premissas de uma visão antropológica, que implica uma relação mútua entre linguagem, homem, cultura e sociedade. Por essa razão, pode sustentar o projeto da metassemântica, anunciado em *Semiologia da língua*, pelo qual o legado benvenistiano encontra abertura para ir além da disciplina linguística. Recorre-se à entrevista concedida por Benveniste a Pierre Daix para buscar a noção de significado que fundamenta o pensamento do autor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Significação. Semântica da Enunciação. Metassemântica. Linguagem. Intersubjetividade.

---

\*Sobre as autoras ver página 115.

**ABSTRACT**

*This article aims to show that Émile Benveniste's semantics of enunciation is formulated under the premises of an anthropological vision, which implies a mutual relationship between language, man, culture and society. For this reason, it provides the basis for the metasemantic project, announced in *Semiologia da língua*, whereby the Benvenistian legacy finds a way to go beyond linguistics. We refer to the interview given by Benveniste to Pierre Daix to seek the notion of meaning that substantiates the author's thought.*

**KEYWORDS:** *Meaning. Semantics of Enunciation. Metasemantic. Language. Intersubjectivity.*

**1 Introdução**

A presença de Émile Benveniste entre os estudiosos da significação<sup>1</sup> é já bem reconhecida. I. Tamba (2006, p. 38), em obra que focaliza o conjunto de investigações abrigadas sob a designação de *semântica*, reserva espaço para o que ela denomina de *semântica enunciativa*, aí incluindo Benveniste, juntamente com A. Culioli e O. Ducrot. A autora define a semântica enunciativa pelo que vê em comum entre esses autores: uma abordagem do sentido decorrente da atividade linguística e não exclusivamente do sistema linguístico.

A obra “Semântica, semânticas: uma introdução”, organizada por C. F. Junior e R. Basso (2013), destinada a oferecer uma visão dos estudos semânticos que se fazem hoje no Brasil, reserva espaço para a “Semântica da enunciação”, no qual o pesquisador V.N. Flores apresenta, em primeiro lugar, uma caracterização geral da perspectiva enunciativa de estudo da significação, concentrando a atenção, num segundo momento, em Benveniste.

O texto de Flores (2013a) examina a questão do sentido no quadro da chamada teoria da enunciação de Benveniste<sup>2</sup>. Em linhas gerais, nesse quadro, a análise semântica relaciona a ordem semiótica à

<sup>1</sup> Neste texto, não fazemos distinção entre *sentido* e *significação*, embora cientes de que esses termos recobrem definições diferentes no âmbito das teorias semânticas. Já o termo *significado* é usado para designar uma propriedade do signo saussuriano, relacionada ao *significante*.

<sup>2</sup> Segundo Flores (2013b, p. 28), nada autoriza a dizer que Benveniste tenha tido a intenção de produzir uma teoria da enunciação acabada, como se vê em outros autores. O que chamamos de teoria da enunciação de Benveniste é uma construção *a posteriori* feita por seus leitores, que encontraram continuidade no conjunto de sua produção sobre o tema.

ordem semântica. O semiótico abriga formas cujo significado é distintivo. O semântico é o lugar em que essas formas adquirem sentido singular, em função do ato de enunciação em que são proferidas.

É igualmente no quadro da teoria da enunciação que o texto “Émile Benveniste: qual semântica?”, de C. Normand (2009a, p. 153-171), acentua também a noção de significação em Benveniste como resultado da articulação simultânea da significância dos signos (ordem semiótica) e da significância da enunciação (ordem semântica).

É o reconhecimento dessa dupla dimensão que leva Benveniste a afirmar sua ultrapassagem<sup>3</sup> em relação a Saussure. Nessa ultrapassagem, encontra a *referência*, noção central em semântica, que ele trata no âmbito da enunciação, isto é, colocando-a na dependência da relação *eu-tu* que se dá na e pela linguagem.

Não é nosso objetivo replicar esses estudos sobre a especificidade da concepção de sentido em Benveniste. Consideramos que, por sua clareza, pertinência e profundidade, dispensam qualquer intervenção didática, destinada a aproximá-los do leitor. Se os referimos é para mostrar que boa parte do caminho em busca da semântica de Benveniste já se encontra pavimentado.

Pode-se dizer, resumidamente, com base nesses renomados leitores, que a semântica da enunciação, programada por Benveniste, é “uma semântica da pessoa em sua relação com o mundo”, voltada para a “mediação dos objetos operada pela língua” (NORMAND, 2009a, p. 167-168), que não descarta a significância do signo.

Por que tomar por tema a semântica de Benveniste se sua especificidade parece já ter sido definida? Encontramos uma dupla justificativa para voltar a esse tema. Em primeiro lugar, a questão do sentido é o eixo em torno do qual se organiza a vasta produção de Benveniste. Em segundo lugar, a extraordinária potência e o caráter aberto de suas teorizações fazem de Benveniste um pensador que não se deixa apreender

---

<sup>3</sup>Essa ultrapassagem, de acordo com Flores (2013b, p. 80), deve ser entendida no sentido do conceito hegeliano de *aufhebung*, segundo o qual, em cada uma das etapas nas quais a consciência avança em seu processo de autoconhecimento, os ensinamentos do momento anterior são ultrapassados, mas também conservados, na medida em que são vistos de um ponto de vista mais alto. (cf. José Pinheiro Pertille em entrevista ao IHU on line, disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5229&secao=430](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5229&secao=430)> Acesso em 09/02/2014).

de forma definitiva. É sempre desafiador retornar a seus textos, atrás de algum ângulo a partir do qual se possa pensar de forma renovada sobre as questões focalizadas por ele. É na expectativa de trazer esse novo ângulo que escrevemos este texto. Nosso objetivo é destacar que, por ser formulada a partir das premissas de uma visão antropológica, a semântica da enunciação benvenistiana implica a relação mútua entre linguagem, homem, cultura e sociedade. Assim, justifica-se que Benveniste tenha projetado sob suas bases o projeto da metassemântica, vista como uma semiologia de segunda geração, destinada a fundamentar a análise translinguística de textos e obras.

Iniciamos por um breve percurso pelo universo benvenistiano, evidenciando que a multiplicidade de interesses que nele encontramos tem seu ponto de convergência na preocupação com a significação. Depois disso, apresentamos a concepção antropológica de linguagem do autor, pois a reflexão sobre a semântica da enunciação se relaciona à reflexão sobre a natureza da linguagem. Finalmente, buscamos entender o projeto inacabado da metassemântica, sinalizando sua abertura para campos de estudo interessados na experiência humana.

## 2 Do signo ao discurso, a significação

Um rápido passeio pela história das ideias linguísticas é suficiente para mostrar que Benveniste ocupa aí vários lugares. Primeiramente, foi reconhecido como um comparatista especializado em indoeuropeu. Filólogos e linguistas das línguas clássicas encontraram valiosa contribuição em suas obras *Origine de la formation des noms en indo-européen*<sup>4</sup> (1935), *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*<sup>5</sup> (1948) e nos dois volumes de *O vocabulário das instituições indo-européias*.<sup>6</sup>

Pouco sabemos sobre o Benveniste comparatista, por isso, nossa referência a ele recorre a um apontamento de Tesnière, citado por Moïnfar (apud BRUNET; MAHRER, 2011, p. 20):

<sup>4</sup> Na bibliografia é referida a edição de 1984.

<sup>5</sup> Na bibliografia é referida a edição de 1993.

<sup>6</sup> Obra publicada na França em 1969. Nela o autor usa o método comparativo para analisar, no conjunto, o vocabulário de instituições como economia, parentesco e sociedade, no volume I, e poder, direito e religião, no volume II. A tradução para o português é de 1995 (ver bibliografia).

[...] contrariamente aos comparatistas da escola clássica, para quem só a forma conta, Benveniste tinha a preocupação constante com o valor funcional dos morfemas que estudava. Sente-se, por trás de cada um de seus raciocínios, uma teoria geral da linguagem, e constata-se com alegria que o comparatista não abafa nele o linguista.

Percebe-se, nas palavras de Tesnière, o deslocamento de Benveniste de um comparatismo centrado somente nas estruturas para uma abordagem que visa descrever essas estruturas em relação a seu “valor funcional.” (BRUNET; MAHRER, 2011).

Pelas proposições e interrogações que se encontram nos dois tomos de *Problemas de Língua Geral*<sup>7</sup> (PLG I e PLG II), Benveniste se coloca no centro das grandes questões colocadas ao linguista do século XX, evidenciando a necessidade de uma generalização de tipo epistemológico para definir os princípios de descrição das línguas. Esse Benveniste dedicado a questões de linguística geral tem por propósito maior introduzir o sentido no coração da análise linguística. O texto de 1962, *Os níveis de análise linguística* (1988), é emblemático nesse intento. Na definição da relação mútua entre os níveis de análise linguística (fonológico, morfológico, sintático, lexical), o sentido é estabelecido como “condição que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico.”<sup>8</sup> (BENVENISTE, 1988, p. 130).

Em um terceiro tempo da recepção de Benveniste, a partir da publicação de *O aparelho formal da enunciação* em 1970, ganha visibilidade o teórico da enunciação, que coloca para o linguista a necessidade de levar em conta a instanciação do sujeito na dinâmica do discurso. Os capítulos de PLG I e PLG II<sup>9</sup>, particularmente os que se encontram sob os títulos “A comunicação” e “O homem na língua”, polarizam a atenção de quem busca em Benveniste uma teoria da enunciação.

Se olharmos para Benveniste como teórico da enunciação, somos conduzidos à compreensão de que um modo de significação

<sup>7</sup> Publicados na França em 1966 e 1974.

<sup>8</sup> Para um aprofundamento da leitura de *Os níveis de análise linguística*, remetemos a De Vogüé (2011) e Flores (2013b).

<sup>9</sup> As referências a essas obras feitas neste artigo tomam as edições em português de 1988 (PLG I) e 1989 (PLG II).

é indissociável de um modo de subjetivação. O princípio da intersubjetividade tem aí papel fundamental, pois, se é o ato individual de apropriação da língua que, segundo Benveniste (1989, p. 84) “introduz aquele que fala em sua fala”, o locutor assim se declara e assume a língua somente quando “implanta o *outro* diante de si.” (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Atualmente, outras duas possibilidades de leitura de Benveniste têm aberto novas perspectivas de interpretação de seu legado. A primeira delas diz respeito ao projeto de instituição de uma “semiologia de segunda geração”, não edificada sobre a noção saussuriana de signo, mas sobre a semântica da enunciação, prospectada no final de *Semiologia da língua*, uma de suas últimas publicações.

Pesquisadores francófonos e brasileiros têm se dedicado a compreender o alcance desse projeto inconcluso, apoiados em uma releitura dos textos de Benveniste que constituem os PLGs, assim como na publicação recente das últimas aulas de Benveniste no Collège de France (1968-1969). Essa publicação representa uma preciosa oportunidade de acompanhar sua reflexão sobre a semiologia, feita em plena atividade docente, além de nos dar a conhecer suas elaborações sobre a escrita, até então inéditas.<sup>10</sup>

A atenção dada ao projeto de uma semiologia de segunda geração tem demonstrado que o pensamento de Benveniste sobre o sentido não se esgota na semântica da enunciação, mas se volta para a elaboração de uma metassemântica, nomeada no texto de 1963<sup>11</sup> como “semiologia geral” e “verdadeira ciência da cultura”. Partindo da semântica da enunciação, a metassemântica deverá permitir a operacionalização de análises, de natureza translinguística, de textos e de obras.<sup>12</sup>

O segundo lugar em que encontramos Benveniste em estudos atuais é no âmbito da relação com a literatura. A publicação recente de notas manuscritas do autor sobre a “língua de Baudelaire” (BENVENISTE,

<sup>10</sup> O livro (BENVENISTE, 2012), organizado e apresentado por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, coloca-nos em contato com os momentos derradeiros da intensa atividade intelectual de Benveniste até o acidente cerebral, ocorrido em 6 de dezembro de 1969, que não lhe permitiu mais a comunicação verbal. Esse livro encontra-se já disponível em português, em publicação feita pela Editora da UNESP (BENVENISTE, 2014).

<sup>11</sup> *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*. (BENVENISTE, 1988, p. 19-33).

<sup>12</sup> Voltaremos a esse tópico no item final de nossa exposição.

2011), em obra organizada por Chloé Laplantine, vem apenas reforçar que a literatura desde sempre ocupou sua atenção, o que pode ser atestado de várias formas: na proximidade de Benveniste com o movimento surrealista; na resenha escrita por ele sobre a tradução francesa dos *Cabiers de Malte Laurids Brigge* de Rilke, em que se refere à necessidade de uma reinvenção dos meios de análise do texto do poeta; na produção de um texto, em 1945, sobre o imaginário poético da água, *L'eau virile*, para um número da revista *Pierre à feu*, organizado pelo poeta Jacques Kobes; na entrevista a Guy Dumur, para o *Nouvel Observateur*, no ano de 1968, publicada no segundo volume de PLG, em que Benveniste declara-se imensamente interessado pela literatura (1989, p. 37).

Tomando a obra “Baudelaire” (BENVENISTE, 2011) como objeto de estudo, S. Vier (2014) observa que o olhar de Benveniste para a linguagem poética não está dissociado de sua teoria da língua / linguagem, para a qual a significação é central. Pode-se ver na pesquisa trazida por ele a propósito de Baudelaire a reafirmação de uma perspectiva de estudo da linguagem, já presente nos PLGs, que contempla a dimensão não linear do sentido, que suporta a intervenção transformadora de uma experiência singular. O que chama a atenção de Benveniste em Baudelaire, na percepção de Vier (2014), é a descoberta de uma experiência (inter) subjetivante associada a uma visão da linguagem que não a reduz a fins comunicacionais e pragmáticos.

Esse breve percurso pela produção de Benveniste é suficiente para percebermos a espantosa diversidade de domínios, de línguas e de fenômenos estudados por ele<sup>13</sup>. Em cada etapa, em cada texto, segundo Normand (2009b, p. 13), encontra-se um Benveniste particular: o linguista, o semiólogo, o epistemólogo da gramática comparada, o filósofo da linguagem, o crítico literário. E não há um livro definitivo em que ele nos apresente uma síntese de seu pensamento. Mesmo na

<sup>13</sup> Há ainda inúmeros manuscritos do autor, bem pouco conhecidos entre nós, localizados em diferentes instituições: no Departamento de Manuscritos da Biblioteca Nacional da França, na Universidade de Alaska Fairbanks (Alasca, EUA), no Collège de France, no Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine e na Universidade de Berna (Suíça). Alguns pesquisadores têm sido de grande importância para a divulgação e estudo desses manuscritos. Destacam-se Irène Fenoglio, diretora de pesquisa do *Institut des Textes et Manuscrits* (ITEM), unidade do CNRS/ENS (Centre National de la Recherche Scientifique/École Normal Supérieure), França; e Chloé Laplantine, responsável pela transcrição e análise das notas sobre Baudelaire.

coletânea de artigos que constituem PLG I e PLG II a ilusão de unidade se desfaz. Cada texto é um mundo, abre-se para inúmeras questões.<sup>14</sup>

No entanto, é preciso tomar cuidado para não entender o legado de Benveniste como disperso. O trânsito pela obra do autor requer entender o que, neste item, procuramos mostrar: esse pensamento aparentemente tão plural, essas inúmeras incursões no campo de estudo da linguagem encontram seu ponto de convergência na preocupação com a significação.

Nessa linha de raciocínio, transcrevemos abaixo o fragmento de uma carta que está na Biblioteca Nacional da França, entre os chamados *papiers*<sup>15</sup> de Benveniste, que traz o depoimento do próprio autor sobre o ponto para o qual converge sua diversificada produção.

[...] Todas as pesquisas que fiz nesses últimos anos e o projeto que criei têm em vista o mesmo propósito. [...] Em resumo, minha preocupação é saber como a língua “significa” e como ela “simboliza”. As tendências atuais de uma certa escola de linguistas querem analisar a língua sobre a base da distribuição e das combinações formais. Parece-me que é tempo de abordar com métodos novos o conteúdo dessas formas e ver segundo quais princípios ele é organizado.<sup>16</sup> (BENVENISTE, apud BRUNET; MAHRER, 2011, p. 35).

Em vários de seus textos, vamos encontrar reiterada essa aspiração central, sobretudo, em *A forma e o sentido na linguagem*, de 1967, que resulta de comunicação feita no Congresso da Sociedade de Filosofia de língua francesa. Nessa comunicação, o autor aborda a questão filosófica da forma e do sentido de um ponto de vista linguístico, partindo da afirmação de que “o próprio da linguagem é antes de tudo significar”, (BENVENISTE, 1989, p. 222), ou seja, para ele, significar está no fundamento da linguagem, que é dotada dessa faculdade antes mesmo de servir para comunicar.

<sup>14</sup> A diversidade de recepções do pensamento de Benveniste está relacionada à diversidade de sua obra. A esse respeito, ver Brunet; Mahrer (2011).

<sup>15</sup> Trata-se de manuscritos legados à Biblioteca Nacional da França e depositados no Departamento de Manuscritos em 30 de dezembro de 1976. Para maiores detalhes a respeito desse material, consultar Brunet (In: BENVENISTE, 2014, p. 235-242).

<sup>16</sup> Tradução nossa.



Tendo demonstrado a centralidade do sentido em Benveniste, dirigimos nossa atenção para a concepção de linguagem de acordo com a qual sua semântica da enunciação é formulada.

### **3 A linguagem como condição da existência do homem**

Conforme indicado em Flores (2013b, p. 197), em Benveniste, “a reflexão sobre a enunciação se vincula à reflexão maior sobre a natureza da linguagem.” Assim, neste item, além da apresentação da visão antropológica de linguagem que fundamenta o pensamento de Benveniste, focalizamos a noção de enunciação. Nosso propósito é mostrar a amplitude dessa noção, que, em Benveniste, é formulada sob uma perspectiva dialógica, que não desconsidera as relações entre linguagem, (inter)subjetividade, cultura e sociedade.

Leitor atento dos PLGs desde seu aparecimento, R. Barthes (1988, p. 31) afirma que Benveniste retira a linguagem da condição de mero instrumento, “utilitário ou decorativo do pensamento”, contrapondo-se ao lugar comum filosófico que define o homem por sua capacidade de comunicar. A linguagem, bem antes de servir para comunicar, “serve para *viver*” (BENVENISTE, 1989, p. 222), ou seja, ela é entendida por Benveniste como indissociável do homem e de sua experiência no mundo; é definida na estrita relação com o humano, assim como o humano é definido na estrita relação com a linguagem, como se pode constatar em sua célebre afirmação: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*” (BENVENISTE, 1988, p. 286).

É em consonância com essa perspectiva antropológica de linguagem que a noção de enunciação é concebida. Embora, frequentemente, a definição de enunciação apareça restrita a “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82), examinando-se mais amplamente os PLGs, vamos encontrar inúmeras passagens que atestam a dimensão dialógica dessa noção, dentre as quais destacamos duas, a título de ilustração:

(...) toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário (BENVENISTE, 1989, p. 84)  
Como forma de discurso, a enunciação coloca duas ‘figuras’ igualmente necessárias, uma origem, a outra, fim da enunciação. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição de enunciação. (BENVENISTE, 1989, p. 87).

De fato, o diálogo, para Benveniste, é a própria condição da linguagem humana, como podemos constatar no texto em que é estabelecida a diferença entre a comunicação animal e a linguagem humana: “Falamos com outros que falam, essa é a realidade humana.” (BENVENISTE, 1988, p. 65). Está sempre em jogo, nas formulações do autor, a relação discursiva entre os interlocutores, pois a “condição de intersubjetividade é que torna possível a comunicação linguística.” (BENVENISTE, 1989, p. 78).

Na entrevista concedida a Pierre Daix, o autor faz uma afirmação que desfaz qualquer tentativa de se imputar a ele uma visão individualista: “Uma língua é primeiro um consenso coletivo.” A criança aprende com a língua “o mundo do homem” (BENVENISTE, 1989, p. 20). Tem razão, então, A. Ono quando afirma “Não há solipsismo em Benveniste” (2007, p. 167). Para ele, a enunciação não produz um só sujeito, mas dois, pois o tu constitui a condição de existência do eu: “cada um se determina como sujeito com respeito ao outro ou aos outros.” (BENVENISTE, 1989, p. 101).

A abertura à dimensão dialógica desfaz a antinomia entre o eu e o outro, o indivíduo e a sociedade. (BENVENISTE, 1988, p. 287), introduzindo na enunciação a relação social. Para reforçar essa ideia, trazemos as palavras de Flores sobre uma possível vinculação teórica entre homem, linguagem e intersubjetividade em Benveniste, assim resumida: “o homem é homem porque tem linguagem e nela se inscreve sob a condição da intersubjetividade.” (FLORES, 2013b, p. 116).

Também a relação da linguagem com a realidade é contemplada na teoria enunciativa de Benveniste. Em O aparelho formal da enunciação, encontramos textualmente que “a língua se acha empregada

para a expressão de uma certa relação com o mundo” (BENVENISTE, 1989, p. 84), não o mundo extralinguístico, mas um mundo co-construído pelos sujeitos falantes, na e pela linguagem, no aqui-e-agora da enunciação.

O fato de conceber a “realidade” como co-construída na fugacidade da enunciação, não nos autoriza a entendê-la como independente do jogo de influências sociais e culturais. Os lugares culturais de fala não são ignorados por Benveniste. Para ele, o homem não nasce na natureza, mas na cultura; toda criança e em todas as épocas, “aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura” (BENVENISTE, 1989, p. 23).

Essas afirmações de Benveniste permitem que se diga que a cultura “fala” toda vez que *eu-tu* se instituem no ato de enunciação, ou seja, é uma alteridade que intervém crucialmente no dizer de *eu-tu*. Assim interpretada, a teoria da enunciação dissipa mais uma vez a ilusão de um sujeito individual, um ser físico, concreto, cuja identidade é acima de tudo jurídica e administrativa, que fala em seu próprio nome. (CAPT, 2013, p. 79). O sujeito benvenistiano não é anterior à língua, mas *resulta* da enunciação. Ele só existe pelo fato de falar, emergindo como efeito, na e pela linguagem, radicalmente atravessado pela cultura.

Em suma, no pensamento de Benveniste, a linguagem é apresentada como condição da existência do homem, sempre referida ao outro. Sob as bases dessa visão de linguagem, no âmbito da semântica da enunciação, a significação implica a relação que a linguagem instaura entre o enunciador, o mundo, os outros sistemas simbólicos e a sociedade. Vemos aí por onde o pensamento de Benveniste vai na direção de uma semiologia de segunda geração.

#### 4 Da semântica da enunciação à metassemântica

Para entrar no universo da semiologia de segunda geração, é preciso afastar-se de leituras cristalizadas de Benveniste que o circunscrevem à perspectiva indicial, restringindo sua contribuição à descrição das marcas

da subjetividade na língua/na linguagem. Em alguns de seus mais célebres textos dos PLGs, o próprio Benveniste sinaliza o movimento de ir além, como no excerto abaixo transcrito:

Muitas noções na linguística, e talvez mesmo na psicologia, aparecerão sob uma luz diferente se as restabelecermos no quadro do discurso, que é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição da *intersubjetividade*, única que torna possível a comunicação lingüística. (BENVENISTE, 1988, p. 293).

Nessa passagem, retirada de *Da subjetividade na linguagem*, dois aspectos devem ser observados: a necessidade de extensão a todo e qualquer fenômeno lingüístico do olhar, que nesse texto ele dirige às formas indiciais, a partir da hipótese da (inter)subjetividade na linguagem; a sinalização da possibilidade de ampliar esse olhar enunciativo, dirigindo-o a uma disciplina do campo que, no *Curso de Linguística Geral*, Saussure (2004) chama de conexo, a psicologia.

Ao encerrar a reflexão que faz em *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste (1989, p. 90) volta a anunciar a possibilidade de ampliar o alcance de suas formulações: “Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui.” Podemos ler, nessas palavras, a expressão da necessidade de estender o âmbito de seu estudo ao que ele chama de *formas complexas do discurso*, o que parece ser uma outra designação para o objeto da semiologia de segunda geração que ele havia anunciado, em *Semiologia da língua*, um ano antes.

Particularmente, no final de *Semiologia da língua* (1989, p. 67), essa abertura se mostra mais claramente, quando Benveniste propõe a dupla via pela qual será *ultrapassada* “a noção saussuriana do signo como princípio único de que dependeriam simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua”: na análise intralingüística: pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, que Benveniste denomina semântica (distinta da semiótica); na análise translingüística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica, construída sobre a semântica da enunciação.

O interesse por essa segunda via se faz presente não só entre linguistas<sup>17</sup>, mas entre estudiosos de outros campos. Em Dufour (2000) e Agamben (2008a; 2008b), no terreno da filosofia, e em Castro (1996), no campo da antropologia, encontramos sustentação para propor que as formulações de Benveniste, por não desconsiderarem as relações da linguagem com a sociedade e a cultura, interessam ao conjunto das ciências humanas (cf. TEIXEIRA, 2012).

Para melhor entender a semântica da enunciação de Benveniste, com base na qual ele prospecta a metassemântica, recorreremos à entrevista que o autor concede a Pierre Daix em 1968, publicada em PLG II, sob o título *Estruturalismo e linguística*. (BENVENISTE, 1989, p. 11-28). A escolha desse texto deve-se ao fato de ele trazer uma espécie de síntese das principais formulações de Benveniste sobre o sentido. Apoiando-nos nele, procuramos entender o que é a metassemântica e de que modo a semântica da enunciação pode fundamentar esse projeto.

A afirmação feita no excerto abaixo é emblemática para o que queremos destacar:

Todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida. E todos os homens inventam sua própria língua a cada instante e cada um de uma maneira distintiva, e a cada vez de uma maneira nova. (BENVENISTE, 1989, p. 18).

Nessa entrevista, Benveniste mostra-se crítico em relação à doutrina estruturalista<sup>18</sup> pelo fato de ela não resistir a uma extensão de noções sociais. Ele constata que os fatos linguísticos considerados neles mesmos, no seu nível, conforme os estruturalistas os descrevem, não permitem aplicação a outras realidades (BENVENISTE, 1989, p. 18). Benveniste comenta, particularmente, a visão mecanicista e empirista de estrutura, desenvolvida pelo estruturalismo norte-americano, voltada,

<sup>17</sup> Entre os quais citamos: Dessons (2006), Laplantine (2011), Brunet e Mahrer (2011), Flores (2013b), Flores e Teixeira (2013).

<sup>18</sup> Se a teoria do sentido de Benveniste contempla o legado saussuriano, particularmente no que diz respeito à noção de valor, não se pode dizer que ela faça coro à leitura de Saussure, feita no período estrutural, a partir de 1931. A filiação de Benveniste ao estruturalismo é bastante contestada, embora ele aí seja muitas vezes colocado. H. Meschonnic (1977, p. 317) afirma categoricamente: “Benveniste não é estruturalista”, acrescentando que se ele é assim considerado deve-se a uma confusão entre as noções de *estrutura* e *sistema* frequentemente encontrada em estudos na área da linguística.

sobretudo, para a constituição de um *corpus*. Para essa corrente o que contava “eram os dados, gravados, lidos ou ouvidos, que se podia organizar materialmente.” (BENVENISTE, 1989, p. 19). Mas, adverte Benveniste (1989, p. 19), “a partir do momento em que se trata do homem que fala, o pensamento reina e o homem está inteiramente no seu querer falar, ele é sua capacidade de fala.”

Benveniste (1989, p. 20) não desconhece que a língua “compõe-se de elementos isoláveis”, articulados em um código, cada um com um significado. Mas lembra constantemente que “quando se fala, é para dizer alguma coisa”. O que, de fato, o inquieta, é a questão “qual é o sentido?”, ou seja, sob que condições alguma coisa é dada como significante?

No texto que examinamos, sua formulação da dupla significância da língua é feita nos seguintes termos:

A semântica é o “sentido” resultante do encadeamento, da apropriação pela circunstância e da adaptação dos diferentes signos entre eles. Isto é absolutamente imprevisível. É a abertura para o mundo. Enquanto que o semiótico é o sentido fechado sobre si mesmo e contido de algum modo em si mesmo. (BENVENISTE, 1989, p. 21).

O autor adverte que esse é um ponto de vista pessoal, que precisa ser demonstrado a partir da elaboração de um corpo de definições “neste imenso domínio que não compreende somente a língua”. (BENVENISTE, 1989, p. 22). Embora embrionário, o estudo da significação nessa perspectiva é, no entender de Benveniste, o que pode fazer da linguística uma ciência piloto, capaz de esclarecer-nos sobre a “organização mental que resulta da experiência do mundo ou à qual experiência do mundo se adapta (...)” (1989, p. 24).

É sobre essa semântica do homem que fala e, ao falar, ressignifica incessantemente a língua que se instituirá a metassemântica de Benveniste. Ele diz pouco sobre essa “nova” disciplina, apenas lança a semântica da enunciação como seu princípio e especifica seu objeto, os textos e as obras, podendo-se incluir aí o que ele chamará mais tarde de “as formas

complexas do discurso” (BENVENISTE, 1989, p. 90), ou o que Ono (2007, p. 135) designa como “as atividades significantes dos homens em sua interação social”.

Essa visão abrangente de sentido coloca a linguística de Benveniste como indissociável do conjunto das ciências humanas, conjunto que tem por função essencial organizar e congregar reflexões esparsas “para muitos homens que visam descobrir seu fundo comum.” (BENVENISTE, 1989, p. 27).

A nosso ver, Benveniste projeta uma semântica que atravessa a cultura, uma culturologia (a metassemântica), atribuindo aí à linguística (a semântica da enunciação) um papel central, não por uma “superioridade intrínseca”, mas simplesmente porque toma a língua como fundamento de toda a relação. (BENVENISTE, 1989, p. 26).

Eis a metassemântica de Benveniste, uma semântica que se construirá sobre uma outra semântica, a da enunciação. Esse projeto alarga o escopo de sua teoria para além da linguística, na direção de uma “grande antropologia”, isto é, de uma “ciência geral do homem”, fundada no princípio de que o sentido está no discurso, resultando do ato de apropriação da língua pelo locutor, no seio de uma sociedade e de uma cultura, de onde emerge, como efeito, o sujeito da enunciação.

## **5 Considerações Finais**

O filósofo italiano G. Agamben considera a teoria da enunciação, fundamento do programa da metassemântica, como talvez a criação mais genial de Benveniste (2008b, p. 139). Nela é problematizada a concepção de linguagem como instrumento de comunicação de um sentido ou de uma verdade por parte de um sujeito que é seu titular e seu responsável. Nela é desfeita a ilusão idealista de que há, de um lado, um sujeito dado capaz de apreender um sentido verdadeiro da realidade, e de outro, uma realidade que se oferece como uma multidão de sentidos todos prontos a serem revelados. Não há nem sujeito e nem objeto que preexistam à

enunciação, de modo que o sujeito não pode ser tomado como um centro que serve de sede ou de fundamento do discurso. Há em Benveniste um primado da relação. A realidade se apresenta como uma multiplicidade de relações, cujo *excesso* é exatamente o que a impede de ganhar um único sentido, um sentido para todos.

Ao romper os limites do eu unitário e idêntico, o autor nos faz ver a significação através de uma nova ótica. Não havendo qualquer substância a ser invocada como sua fonte ou origem, cada configuração provisória da enunciação permite compreender de que modo o sentido torna-se capaz de ser apreendido em seu *devenir*, isto é, em sua criação contínua, para além dos pressupostos da semelhança e do uno que constituem as diretrizes do pensamento metafísico.

Na visão de Laplantine (2011, p. 146-147), a passagem do intralinguístico ao translinguístico, em Benveniste, não é a passagem do microscópico ao macroscópico, do merisma à globalidade de textos. O que importa é o olhar dirigido à linguagem. E esse olhar, em Benveniste, é o efeito da tomada crítica do significado para além da unidade do signo e da comunicação de mensagens.

O projeto da metassemântica, formulado sobre a semântica da enunciação, torna visível a extensão do trabalho de Benveniste, frequentemente reduzido a um uso técnico e instrumental. Esse olhar renovado abre amplas possibilidades de estudo sobre a experiência humana, com repercussões para além da disciplina linguística. Não é só a fundação de uma linguística nova que encontramos em Benveniste, mas a formulação de um campo de saber sobre o homem, com muito ainda a ser desvelado.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Trad. de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008a.

AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz**. São Paulo: Boitempo, 2008b.



BENVENISTE, É. **Origine de la formation des noms en indo-européen**. Paris: Maisonneuve, 1984.

BENVENISTE, É. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 1988. Edição original: 1966

BENVENISTE, É. **Problemas de Lingüística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989. Edição Original: 1974

BENVENISTE, É. **Noms d'agent et noms d'action en indo-européen**. Paris: Maisonneuve, 1993.

BENVENISTE, É. **O vocabulário das instituições indo-europeias: economia, parentesco e sociedade**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. (Volume I).

BENVENISTE, É. **O vocabulário das instituições indo-europeias: poder, direito, religião**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. (Volume II).

BENVENISTE, É. **Baudelaire**. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges, Éditions Lambert-Lucas, 2011.

BENVENISTE, É. **Dernières Leçons**. Paris: Editora Gallimard, 2012.

BENVENISTE, É. **Últimas aulas no Collège de France**. São Paulo: ed. da UNESP, 2014.

BARTHES, R. Escrever, verbo intransitivo? In: \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 30-39.

BRUNET, É. Os papéis de Émile Benveniste. In: BENVENISTE, É. **Émile Benveniste: Últimas aulas no Collège de France – 1968-1969**. Tradução: Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 235-242.

BRUNET, É ; MAHRER, R. (Ed.). **Réceptions actuelles des Problèmes de linguistique Générale**. Bruxelles: Academia, coll. "Sciences du langage: carrefours et points de vue", n. 3, 2011.

CAPT, V. **Poétique des écrits bruts**. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2013. p. 77-100.

CASTRO, E. V. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

DESSONS, G. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Editions In Press, 2006.

DE VOGÜÉ, S. L'énonciation dans le lexique. Actualité du concept benvenisien d'intégration dans la théorie des formes schématiques de l'école culiolienne. In: BRUNET, É ; MAHRER, R. (Ed.). **Réceptions actuelles des Problèmes de linguistique Générale**. Bruxelles: Academia, coll. "Sciences du langage: carrefours et points de vue", n. 3, 2011. p. 169-195.

DUFOUR, D.-R. **Os mistérios da trindade**. Trad. de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FLORES, V. N. Semântica da enunciação. In: FERRAREZI JUNIOR, C.; BASSO, R. (Org.). **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2013a. p. 89-104.

FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013b.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. As perspectivas para o estudo das formas complexas do discurso: atualidades de Émile Benveniste. **ReVEL**, edição especial n. 7, 2013.

LAPLANTINE, C. **Émile Benveniste, l'inconscient et le poème**. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2011.

MESCHONNIC, H. Benveniste: sémantique sans sémiotique. In: NORMAND, C.; ARRIVÉ, M. Émile Benveniste vingt ans après. Numéro Spécial de LINX. Paris: Université Paris X – Nanterre, 1977. p. 307-325.

NORMAND, C. Émile Benveniste: qual semântica. In: \_\_\_\_\_. **Convite à linguística**. São Paulo: Contexto, 2009a. p. 89-104.

NORMAND, C. Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 12-19, jan./mar. 2009b.

ONO, A. **La notion d'énonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de Linguística Geral**. Tradução Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

TAMBA, I. **A semântica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TEIXEIRA, M. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Desenredo**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 8 - n. 1, p. 71-83 - jan./jun. 2012.

VIER, S. **Por um outro olhar para a linguagem**: a atualidade dos manuscritos de Benveniste para pensar a linguagem em sala de aula. Projeto de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. São Leopoldo: UNISINOS, 2014.

*Recebido em março de 2015.*

*Aceito em maio de 2015.*

## **SOBRE AS AUTORAS**

**Terezinha Marlene Lopes Teixeira**, assinatura **Marlene Teixeira**, é doutora em Letras Pela PUC-RS (1998). Atualmente é professora e pesquisadora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Atua na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, realizando pesquisa e orientações de mestrado e doutorado na área da enunciação, em material gerado em contextos de saúde; e no âmbito da compreensão de como se constrói a significação em textos literários. Atua também no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UNISINOS, onde desenvolve estudos sobre a relação entre linguagem e atividade de trabalho na área da saúde. É autora do livro *Análise de Discurso e Psicanálise: Elementos para uma abordagem do sentido no discurso* (EDIPUCRS, 2000, 2005), coautora de *Introdução à Linguística da Enunciação* (Contexto, 2005, 2010),

coorganizadora do Dicionário de Linguística da Enunciação (Contexto, 2009) e da obra *O sentido na linguagem: uma homenagem à professora Leci Borges Barbisan* (EDIPURS, 2012). É bolsista de produtividade em pesquisa 2 (CNPq). E-mail: [martei.poa@gmail.com](mailto:martei.poa@gmail.com)

**Rosângela Markmann Messa** é doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), possui Mestrado em Linguística Aplicada pela mesma Universidade (2009), Pós-Graduação em Gestão Escolar pela Sociedade Educacional Três de Maio e pelo Instituto Superior de Educação Ivoiti (2012), e Graduação em Letras – Português/Alemão pela Unisinos (2004). No âmbito do Doutorado, realizou estágio de pesquisa no Institut für Deutsche Sprache, em Mannheim, no período de abril a julho/2014. Atualmente é professora do Instituto de Formação de Professores de Língua Alemã (IFPLA) e do Instituto Superior de Educação Ivoiti (ISEI). Além disso, desempenha a função de Coordenadora Pedagógica da Rede Sinodal de Educação. É vice-presidente da Associação Brasileira de Professores de Alemão (ABraPA). Tem experiência na área de linguística, atuando, principalmente, nos seguintes temas: formação de professores, formação continuada, ensino de línguas estrangeiras, ergologia, enunciação. E-mail: [markmann@terra.com.br](mailto:markmann@terra.com.br)